

trializada no Estado, onde existiam 11 fábricas de tecido: 3 em Caxias, 1 em Codó e 7 em São Luís. (36)

A industrialização do Maranhão, porém, não se realizou nos termos dos das regiões mais adiantadas do Brasil. Sua posição geográfica e a dificuldade de transportes consequente da quase ausência de ferrovias e rodovias e da incerta navegabilidade dos seus rios, contribuiu para isso. Além disso, o esgotamento dos seus solos, o atraso de sua agricultura, a concentração das riquezas nas mãos de uma minoria pouco empreendedora, a má saúde, a falta de iniciativa da população pobre e a abundância de alimentos em seus rios e em suas matas, como que levaram o povo à inércia, à paralização e o Estado à decadência. Decadência aceita e reconhecida, como que consentida por seus habitantes que deviam enfrentá-la e derrotá-la. Em pouco mais de século, um Estado que fôra um dos mais ricos do Brasil e que procurava no Norte competir até com Pernambuco, se viu reduzido a um dos mais pobres e subdesenvolvidos da Federação. Só recentemente, quando o Brasil tomou conhecimento de seu subdesenvolvimento e resolveu reagir, é que o Maranhão, impulsionado pelo todo nacional, parece querer despertar, parece querer compensar as dezenas de anos de atraso em que se encontra distanciado do Centro-Sul do país. E êste caminho êle percorrerá, influenciando e sendo influenciado pelos Estados vizinhos de onde se origina grande parte dos imigrantes que com excedentes demográficos para êle se dirigem.

## MODERNOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS E TRÓPICOS

Mário Lacerda de Melo

### 1. *Geografia, Ciências Sociais e Tropicologia*

Começando com uma referência ao característico dos Modernos Estudos Geográficos de interesse mais direto para abordagens interdisciplinares do tipo das que vêm sendo realizadas neste Seminário, lembramos a ajuda que a Geografia Humana recebe das demais ciências sociais e presta a cada uma delas.

Não é novidade falar do senso de localização e do senso de interrelação como diretrizes centrais da metodologia geográfica. Nenhum estudo de fenômenos do domínio social pode dispensar a visualização locacional que o coloca dentro de determinada posição e ocupando determinada extensão da superfície da terra. Também não pode prescindir da visualização que o situa dentro de determinado contexto, como elemento de um conjunto a ser explicado pelas relações que o vinculam a elementos de essência múltipla, desde os do mundo inerte até as instituições administrativas. Ganha em esclarecimentos, e não pouco, o fato social olhado através dessas duas lentes eficazes da ótica geográfica.

Não se pode considerar simples frase de geógrafo a assertiva de P. George de que "il est nécessaire de répéter inflassablement que l'on ne peut faire de bonne économie, de bonne sociologie, de bonne science politique, et de bonne administration sans une culture géographique. "Mas isso, ao nosso ver, é apenas uma parte da verdade. Seria necessário acrescentar que a recíproca é verdadeira, sendo indispensável, para fazer geografia, uma base cultural nas demais ciências sociais.

São noções bastante conhecidas para que nelas se insista,

(36) Amara, José Ribeiro do — O Estado do Maranhão, págs. 274-5.

lembradas, neste início de palestra, porque falamos, não apenas para geógrafos, mas para especialistas de várias especialidades, reunidos pelo interesse comum que se abriga ao amplo guarda-chuva da Tropicologia. E quem diz Tropicologia diz não apenas tratamento interdisciplinar, mas também abordagem interrelacionista de um conjunto heterogêneo de fatos cujo elemento de identidade reside em aspecto de natureza espacial: situam-se em áreas tropicais. A Tropicologia possui, assim, mais de um ponto de analogia com a Geografia: (a) não tem unidade de objeto, ocupando-se, antes, de fatos de essência variável; (b) distingue-se ou individualiza-se, não pelo objeto, mas pela peculiaridade metodológica; (c) possui como domínio determinada área do globo terrestre coincidente com uma parte do domínio da Geografia.

Tudo isso indica que, embora não se trate de criação de geógrafo, a Tropicologia é mais filha, ou, pelo menos, está mais perto, da Geografia do que de qualquer outra ciência. Seu reino é uma grande província dos domínios de Geografia, embora os ramos e diversidades do saber tropicológico excedam os do conhecimento geográfico. Por isso, um tropicologista nem sempre é geógrafo, mas um geógrafo especialista em assuntos tropicais é um tropicologista.

Observações como essas creio nunca serem inoportunas em um seminário como este, não apenas pelos seus objetos e sua metodologia, mas também pela personalidade científica do seu Diretor. Personalidade científica, a de Gilberto Freyre, que lhe permite atuar eficazmente nos estudos interdisciplinares (de que é pioneiro) de assuntos e áreas tropicais, jogando de sociólogo, de antropólogo, de antropogeógrafo, de historiador, de tudo isso junto e mais de virtuoso da pena.

Pode-se ter uma idéia sobre a contribuição da Geografia Humana para o melhor conhecimento das realidades sociais dos trópicos em visualização interdisciplinar, quando se olha a dupla posição que possui no tocante às suas relações com outros ramos do conhecimento: de um lado, como um dos andares integrantes do edifício geográfico, superpondo-se à Geografia Física e à Geografia Biológica; do outro lado, como compartimento das ciências sociais, justapondo-se entrelaçadamente à Sociologia, à Antropologia e à Economia.

Certos tratamentos dados à Geografia Humana a situam ora mais próxima de uma, ora de outra das ciências sociais. Segundo tendências de autores e escolas, existe, com efeito, uma Geografia Humana, ora mais histórica, ora mais antropológica e etnográfica, ora mais sociológica, ora mais econômica. As duas grandes tendências são as que a apoiam predominantemente na Antropologia e na Economia.

Quando se trata do estudo de áreas, com o seu tempo social, em que os instrumentos e técnicas por onde se processam as relações das comunidades humanas com o meio geográfico, são os da tradição culturoológica, a grande ciência auxiliar continua sendo a Antropologia. Quando, porém, a área e sua época estão dominadas por uma tecnologia oriunda do progresso científico, de feição universalizante, a Geografia Humana é menos antropológica e passa a ter um fundamento predominantemente econômico.

Torna-se por isso e por outros motivos cada vez maior o interesse dos geógrafos pelos conjuntos de fatos que caracterizam o desenvolvimento econômico-social, o que se explica mais particularmente porque o desenvolvimento: (a) tem explicação também geográfica ou é acelerado e dirigido com apêio em estudos de que participa a Geografia; (b) representa renovação dinâmica de formas de relação das comunidades humanas com o meio geográfico (natural e humano); (c) exprime correspondentemente novas formas de utilização e organização dos espaços produtivos. E não esquecer, por outro lado, que toda uma nova e prestigiosa teoria econômica, a teoria do crescimento polarizado, tem apêio em relações espaciais. Concepção que está também no centro da chamada "ciência regional". O apêlo ao geográfico para a explicação dos fatos econômicos cada vez mais se acentua.

Ao nosso tema, interessa considerar, como ponto de partida, um espaço mundial extremamente diversificado pelas variações das condições e recursos naturais. Por mais conhecida que seja a noção referente às desigualdades com que se distribuem e se combinam os elementos do mosaico imensamente variável constituído pelos quadros naturais em que se diversifica a superfície da terra, convém recordar os grandes tipos dos seus condicionamentos:

a) No domínio climático, os elementos temperatura e umidade, em suas grandes variações espaciais e em suas múltiplas combinações, condicionam direta ou indiretamente diferentes formas de atividades humanas;

b) No domínio edafológico, a fertilidade e aptidão do maior dos recursos da natureza, o dos solos, variando também em larga escala e combinando-se com as variações dos climas, oferecem possibilidades correspondentemente variadas para o seu uso e a sua próprias ocupações humanas;

c) No domínio dos recursos do su-solo e dos agentes naturais, a forma como se distribuem os jazimentos de minerais energéticos (carvão e petróleo, principalmente), dos minerais fertilizantes, bem como as riquezas em potencial hidráulico, influenciando poderosamente sobre as possibilidades e as condições do seu aproveitamento, decidem não raro sobre o arcabouço econômico infra-estrutural e sobre atividades industriais de base;

d) No domínio dos recursos bio-naturais, seria de lembrar apenas a variação de riquezas potenciais postas à disposição do homem em termos de tipos, qualidades e dimensões das áreas de pastagens ou da extensão e composição dos domínios florestais, bem como em termos de diversidade de repartição das riquezas do mar.

Esses elementos, condições e recursos, além de, como ficou entendido, distribuírem-se de modo extremamente desigual, também de modo extremamente desigual se combinam em cada região para formarem o mosaico de quadros naturais já aludido. Um mapa geral ou um conjunto de mapas setoriais registrando essas desigualdades de repartição de combinações deve ser examinado como fator de explicação primeiro e mais geral do modo como, universalmente, se distribuem os tipos de sociedade e de estruturas econômicas.

Mas a análise geográfica de um cartograma possível ou ideal, ou de atlas de cartogramas, onde, em escala de mapa-mundi, se registrassem os grandes padrões universais de tipos de sociedades e de estruturas econômicas, seria parcial ou até tendencioso se procurasse fatores de explicação somente nos elementos constitutivos dos quadros naturais e no conjunto de condições em que se compartimentam de modo multiforme os

espaços terrestres habitados e organizados pelo homem. Já passou de há muito, e passou rapidamente, a fase das tendências chamadas de determinismo geográfico.

A outra face da análise, muito mais difícil, por ocupar-se de fatos muito mais complexos, teria de focalizar elementos ligados às condições humanas e de origem humana. Haveria de considerar, entre outros aspectos, (a) as feições quantitativas e qualitativas da repartição dos efetivos humanos sobre os quadros naturais mencionados; (b) os seus níveis e padrões culturais em seus reflexos ou influências sobre os tipos de atividades; (c) os padrões tecnológicos dessas atividades; (d) as técnicas de organização econômica, política e social. Tudo isso sob ângulos diferentes e perspectivas diversas onde a do historiador não poderia faltar.

A repartição geral dos tipos de sociedades e de estruturas econômicas, resultando da atuação de fatores humanos e de fatores naturais em combinações extremamente variadas e tremendamente complexas, parece afastar a possibilidade de uma generalização interpretativa válida. Uma interpretação a resultar de estudos caso por caso, de região em região em diferentes escalas dimensionais, deverá oferecer menos riscos e melhores resultados.

A bipartição da superfície da terra para destaque de todo o conjunto da áreas chamadas tropicais representa, entretanto, manifestação de um procedimento metodológico legítimo. Tem o pecado de imprimir delimitação espacial de campo de estudos de proporções excessivas para determinados propósitos. Mas não resulta de atitude arbitrária, pois se fundamenta em distinções cientificamente estabelecidas para os tipos de fenômenos ocorrentes no seu domínio posicional. Além disso, o destaque tem validade para a identificação de largos caracteres gerais, o que não impede, antes facilita, sub-classificações e subdivisões em escala degressiva até a de dimensões de unidades regionais ou sub-regionais. E, se o caminho é feito de volta, o conhecimento nessas escalas menores e em número maior de casos constitui apóio para generalizações mais seguras.

## 2. *O mundo tropical*

Vimos que o conceito da Tropicologia não é eminentemente geográfico. O de trópico ou de regiões tropicais, todavia, o é. Mas uma delimitação exata, representando o consenso das opiniões e que, tendo fundamentação climática, possa servir a estudos com objetivos diferentes, dentro e fora da geografia, não está fixada. Dizer que as áreas tropicais são as de clima sempre quentes e as de climas com verões quentes e invernos brandos talvez seja simplificar excessivamente o problema. Primeiro por que não saberíamos até que altura se poderiam incluir ou excluir as regiões intermediárias ou subtropicais. Teríamos dificuldade, por exemplo, em excluir regiões com a Flórida e a Luisiana, no sul dos Estados Unidos, onde não apenas o uso da terra mas o tipo de sociedade possui caracteres tropicais.

Em segundo lugar, pela interferência da segunda grande variável climática, a variável pluviométrica. A definição de trópico com base apenas térmica inclui as áreas desérticas e semi-áridas, formadoras de categoria climática própria, e, por isso, geralmente não incluídas nas superfícies de clima tropical. Trata-se, no entanto, de áreas tropicais pelas condições térmicas e pela posição ou latitude. Teríamos dificuldade, por exemplo, em excluir da área tropical a agricultura do Vale do Nilo, no Egito, situada em pleno deserto climático.

Para solucionar dificuldades desse tipo, acreditamos de maior conveniência uma delimitação ampla, sob critério apenas térmico. O trópico seria uma zona térmica. Dentro da grande faixa se distinguiriam, como é necessário distinguir, o úmido e o seco com suas gradações. E, para a delimitação com áreas não tropicais, o mais seguro indicador seriam as plantas cultivadas e as combinações agrícolas. Limites latitudinais de cultura como a do café, e da cana-de-açúcar, a da banana, e do agave, poderiam ser considerados fronteiras das áreas tropicais.

Lembramo-nos, porém, que, precisamente dessa matéria, trata a reunião final deste Seminário, a qual possui como tema "Conceito de Trópico no Sentido Geográfico-ecológico da zona tropical do planeta".

Estamos longe de apresentar uniformidade, mesmo no domínio climático, os vastíssimos espaços tropicais são suscetíveis de divisões e subdivisões. Sob critério térmico, poder-se-iam distinguir: (a) áreas equatoriais de onde se destacariam as sub-equatoriais, e (b) áreas tropicais propriamente ditas de onde se destacariam as sub-tropicais. E, para uma idéia das divisões possíveis, governadas pelas variações da pluviosidade, bastaria lembrar a amplitude da escala que estas variações compõem.

Dado o fato de ser, como se sabe, a vegetação um reflexo das condições climáticas, torna-se fácil entender a existência de um conjunto de áreas biogeográficas em correspondência de grandes traços com as áreas climáticas tropicais. As grandes associações vegetais próprias das áreas de clima megatérmicos diferenciam-se umas em relação às outras e o seu conjunto se peculiariza, a seu turno, no cotêjo com a vegetação das outras faixas de tipos climáticos. O fato acrescenta um característico fitogeográfico à diferenciação climática, tornando-a bioclimática. O característico imprime-se em cores e traços das paisagens dos trópicos, tornando-as, em que pese a diversidade de umas em relação às outras, inconfundíveis em seu conjunto.

Semelhante ao ajustamento da vegetação ao clima é o condicionamento por este exercido sobre a agricultura. Correspondendo aos diferentes ambientes bio-climáticos tropicais numerosas plantas cultivadas e combinações agrícolas, pode-se falar também de tipos de agricultura, de sistemas agrícolas e mesmo de organizações agrárias inconfundivelmente tropicais. Em consequência, temos não poucos exemplos de paisagens agrárias próprias dos trópicos e tão definidoras das terras tropicais como o são o clima e o revestimento florístico.

Essa noção, entretanto, tem de ser tomada em termos não rígidos, especialmente quando se trata de certas plantas cultivadas de origem tropical que, por terem curto ciclo vegetativo, transpõem as fronteiras dos climas megatérmicos e são cultivadas em áreas de latitudes médias durante a quadra quente do ano. O caso do arroz da China, no Japão e no sul da Europa, e o do milho, na América do Norte e na Europa, são exemplos de lavouras de plantas tropicais em terras temperadas não raro

sob processo tecnológico e vigor econômico como não possuem nas suas terras origem.

Considerações muito gerais referentes à geografia climatológica, à biogeografia e à agrogeografia das regiões tropicais estão a indicar, portanto, de um lado, que se trata de um conjunto de terras com certos característicos comuns a partir de uma constância relativa dos níveis térmicos dos seus climas e das repercussões dêsse fato nos revestimentos florísticos e nas formas de uso da terra, bem como, o que é mais importante, das influências dêsse conjunto sobre os mais diversos domínios humanos, sociais e econômicos. Êsses característicos legitimam a consideração do conjunto de terras tropicais como um mundo à parte. É, com efeito, um mundo à parte, quando em cotêjo com os ambientes de latitudes médias.

De outro lado, as referidas considerações geográficas oferecem, ao mesmo tempo, uma idéia sobre a riqueza de variações dos quadros geográficos tropicais. A noção é básica para estudos das áreas dos trópicos a exemplo dos que, sob o toldo largo da Tropicologia, nos reúne neste Seminário. Ela impõe idéia preliminar não apenas quanto à variabilidade das condições tropicais mas também quanto a gradações dos caracteres tropicais ou de uma escala de tropicalidade. Os espaços equatoriais úmidos teriam o grau máximo; as áreas transicionais dos subtropicais, os graus menores. A Baixada Santista é mais tropical do que o Planalto de São Paulo; a Baixada Fluminense mais do que Petrópolis ou Terezópolis; a Região Canavieira de Pernambuco, mais do que o Planalto de Garanhuns; Belém do Pará, mais do que qualquer das áreas ou cidades referidas.

### 3. *Condicionamentos dos quadros naturais tropicais*

Interessa mencionar nesta altura as influências das condições caracteristicamente tropicais sobre os tipos de sociedades e de estruturas econômico-sociais das áreas onde dominam essas condições.

Pela sua natureza, certas plantas cultivadas próprias das regiões tropicais, dadas as peculiaridades do seu cultivo ou exigências do beneficiamento dos seus produtos, condicionam certos hábitos, costumes e tradições, bem como certos tipos de

estruturas e relações sociais. São plantas que, como a cana-de-açúcar, governando, em lugares diferentes dos trópicos, estruturas econômico-sociais mais ou menos assemelhadas, são tidas como capazes de modelar civilizações ou de lhes imprimir determinados característicos. Influências de sentido paralelo têm certas culturas alimentares através da diferenciação e individualização regional de dietas, o que se incorpora aos diferentes acêrvos culturais para peculiarizar áreas dentro dos trópicos ou para caracterizar o conjunto espacial tropical face às regiões de climas temperados.

Tornar-se-ia de interesse para estudos tropicológicos de maior grau de precisão a avaliação quantitativa e qualitativa do elenco de plantas cultivadas tropicais em cotejo com o das latitudes médias. A significação que, para as regiões temperadas, tem um produto como trigo, somada ao já referido ingresso sazonal de plantas tropicais nas regiões temperadas, tornaria o balanço desfavorável aos trópicos.

Acrescente-se que as áreas tropicais possuem maiores extensões de terras excessivamente secas ou excessivamente úmidas. As imensas áreas tropicais secas e semiáridas representam diminuição, na mesma escala, de recursos potenciais para o uso econômico do solo ou possibilidade de utilização tornada difícil e penosa pela baixa pluviosidade agravada por temperaturas permanentemente elevadas. Em situação oposta estão os grandes espaços equatoriais super-úmidos, onde o excesso de chuvas limita o número de plantas e de combinações agrícolas, ao mesmo tempo em que acarreta efeitos restritivos outros aos setores da criação de animais, da circulação e da saúde.

No domínio adafológico, o velho problema dos solos tropicais é matéria de estudos e controvérsias. Como quer que seja, por efeito das temperaturas constantemente elevadas, das umidades excessivas e dos dois fatores combinados, degradam-se êles mais rapidamente que os das áreas de outros climas. Além disso, pelos mesmos motivos, sabe-se que conservam por menos tempo os efeitos dos fertilizantes nêles incorporados pelos agricultores.

Os característicos bio-geográficos também não favorecem as regiões tropicais. Nas áreas campestres, predominam as gramineas duras, que se tornam ressequidas e lenhosas durante

grande parte do ano. O fato constitui limitação à produtividade da pecuária e, ao mesmo tempo, explica, em amplíssimas superfícies, a incorporação da prática das queimadas aos hábitos do criatório extensivo e de baixo poder povoador. Por outro lado, as zonas de vegetação do tipo florestal têm na mata um recurso de valor econômico diminuído pela grande heterogeneidade de composição. Ademais, é ausente ou muito escassa, para a mata tropical, a possibilidade de exploração semelhante à de florestas de outras latitudes visando à produção de celulose.

O que está escrito, numa tentativa de visão realística, não pode exprimir juízo subjetivo, posição préconcebida ou falta de reflexão detida sobre os fatos. A superfície inteira da terra está constituída de áreas possuidoras de graus de favorecimento à presença e às atividades do homem que, em escala percentual começam na marca zero e terminam na marca cem. Ocorre efetivamente que, nos trópicos, as regiões menos favoráveis ocupam extensões proporcionalmente maiores. Enquanto os países temperados possuem superfícies agrícolas úteis em proporções geralmente superiores a 50% dos seus territórios, nos trópicos, essas proporções descem para cifras geralmente inferiores a 30%. No caso do Brasil, os dados oficiais registram 17,9 por cento, o que se pode comparar com os 58 por cento dos Estados Unidos da América do Norte.

Êsses números não são difíceis de entender para quem possui uma visão panorâmica dos quadros naturais das regiões de baixas latitudes ou de um país caracteristicamente tropical como o Brasil, aliás, o maior país tropical do mundo. Nos vastos espaços equatoriais super-úmidos, um povoamento e um desenvolvimento, que teriam de partir da atividade agrícola, têm encontrado nas condições edáficas e climáticas embaraços até agora não superados. Nas regiões imensas de savanas, cerrados e caatingas, a pequena proporção de áreas agrícolas úteis e o problema da água estão na base de um baixo povoamento e uma baixa significação econômica, em contraste, como no caso da Floresta Equatorial, com seu enorme potencial de espaço.

Em contraposição, surgem espaços amplamente favoráveis nas áreas subtropicais, de que temos exemplo válido em nosso Planalto Meridional Brasileiro. Do mesmo modo, nas exten-

sões das Florestas Tropicais, como é o caso da Floresta Tropical Atlântica do nosso país. Êsses, aliás, os dois grandes ambientes brasileiros de verdadeira expressão demográfica e econômica.

Postos de lado os tipos intensivos de agricultura tropical tradicional do Oriente (caso principalmente da rizicultura) e algumas manchas de sistemas agrícolas evoluídos, sabe-se que a agricultura e as organizações agrárias tropicais se repartem por duas grandes categorias: a das lavouras extensivas primitivas e a do sistema *plantation*. Não desejando demorar em um aspecto que constitui capítulo especial no temário dêste Seminário de Tropicologia, registremos, sem delongas, a nossa impressão de que, no primeiro caso, — lavouras extensivas primitivas, os vícios e distorções inerentes ao sistema prendem-se sobretudo a fatores humanos como os padrões culturais, a tecnologia da produção, os mecanismos de mercadização e à estrutura agrária. No segundo caso, para os característicos definidores do sistema (o de *plantation*), parece prevalecer a influência de um meio natural mais limitativo quanto a formas alternativas de uso da terra...

O exemplo das áreas das *plantations* açucareiras é bastante típico a respeito. Nesse caso, como em tantos outros, a estrutura de grandes domínios fundiários, de grandes lavouras e de monoculturas dificilmente se harmoniza com as exigências de bem-estar das populações rurais. Acrescente-se, a propósito, a tendência recente de agravamento do problema social oriundo de soluções tecnológicas econômicas. Anteriormente, um dos característicos definidores dêsse tipo de organização agrária eram os altos índices de emprêgo de mão-de-obra. A motomecanização está fazendo desaparecer êsse característico, ao tempo em que se agrava o problema do desempregô, já antes muito sério por se tratar de regiões de elevadas densidades demográficas. Aos efeitos dêsse fator, somam-se, na mesma direção, os da explosão demográfica.

### 3. *Fatores humanos e diretrizes de evolução*

Uma reflexão sobre os fatores de categoria humana os históricos, os sociais, os culturoológicos, os econômicos e os políti-

cos — a serem invocados para explicar a variação dos tipos de sociedades e de estruturas econômicas das regiões tropicais, cremos dever partir do fato de tratar-se de áreas situadas, até há alguns séculos, totalmente fora do espaço mundial onde se desenvolveram os padrões e estilos de ciência, de técnica, de economia, de cultura e de civilização ditos ocidentais. Em nosso tempo, por mais que se tendam a universalizar ou ecumenizar, esses padrões e estilos de origem européia alcançaram em escala variada a grande parcela de humanidade existente nos trópicos.

Os fatos são conhecidos. A totalidade das terras tropicais e as grandes áreas de terras não tropicais incluíram-se em grandes impérios que tinham na Europa seus países metropolitanos. Os baixos estágios de evolução das populações dessas áreas possibilitaram sua subordinação aos países colonizadores. As condições e recursos naturais, o grau de povoamento, os antecedentes históricos e os acêrvos culturais respectivos iriam constituir circunstâncias particulares a cada colônia, condicionadoras de peculiaridades da evolução de cada uma.

A primeira distinção a ser feita, numa tentativa de entendimento das diferentes linhas de evolução, deve separar as colônias de condições naturais presididas por climas mesotérmicos das de climas tropicais. Um outro critério de classificação distingue as de enquadramento ou de exploração (pequeno contingente de população de origem européia) das de povoamento ou enraizamento (elevados contingentes de população de origem européia).

As colônias de condições naturais não tropicais ou pouco tropicais foram as que contruíram, através de circunstâncias evolutivas variadas, uma estrutura econômica e um tipo de sociedade classificadas como desenvolvidas. Os grandes exemplos são os dos Estados Unidos da América do Norte, do Canadá, da União Sul-Africana e da Austrália. Não se pode deixar de associar o fato ao já aludido grau maior de favorecimento dos quadros naturais das latitudes onde se encontram.

Registre-se, por outro lado, serem de colonização anglo-saxônica esses quatro grandes países que passaram da posição de colônias à de nações desenvolvidas. Fica-se tentado a explicar o destaque assumido por esses países com o fato de ha-

verem eles reunidos, embora em grau variados, o favorecimento de condições naturais com o favorecimento das condições humanas ligadas a padrões culturais europeus tidos como mais elevados em termos da evolução tecnológica.

Essa explicação seria, porém, insatisfatória e incompleta. Não pode, é verdade, deixar de ter havido, a partir dos fins do século XVIII, influência positiva dos migrantes europeus procedentes de países pioneiros da industrialização. Mas existe um elemento mais geral e certamente de importância maior a ser considerado, cujos efeitos, fazendo-se sentir desde os primeiros contactos dos europeus nas terras novas, serão altamente positivos na formação das economias e das sociedades coloniais de latitudes médias. É a semelhança de condições naturais com os países metropolitanos. A circunstância permitirá aos colonizadores, usando as mesmas combinações agrícolas e as mesmas técnicas de exploração de recursos e de produção de riqueza, edificar sociedades assemelhadas às das suas pátrias de origem.

Cremos estar antes a recordar fatos do que a dizer novidades, mas prossigamos, pois eles interessam ao conteúdo central deste documento. No mundo dos trópicos, como se sabe, as coisas se passam de modo totalmente diverso. De um lado, pela existência de condições e recursos naturais mais limitativos. Do outro lado, porque o meio natural iria reclamar do europeu formas de aproveitamento de recursos e estilos de comportamento que, se não podendo improvisar, exigiriam todo um processo histórico de adaptação criadora. Para explicar as tendências evolutivas das sociedades que criaram, atuariam de modo diverso em cada caso, ao lado das influências de recursos naturais, as já aludidas influências da densidade do povoamento encontrado pelo europeu, dos antecedentes históricos e dos acêrvos culturais. Mas, por sobre tudo isso, a formação das sociedades novas tropicais tiveram como fator de modelamento, de estruturação e de criação de valores culturais o processo, um processo geográfico, de ajustamento recíproco entre o homem de cultura européia (em via de modificação pelo contacto com outras culturas) e os meios naturais dos trópicos.

Claro que o processo não teve nas colônias de enquadramento (caso da Índia) a mesma intensidade e os mesmos efei-

tos que nas colônias de povoamento, como é o exemplo do Brasil.

Embora de interêsse eminentemente geográfico, a matéria não tem sido ou pouco tem sido, examinada sob a ótica do geógrafo. Mas, as observações sobre elas realizadas, sob o ângulo sociológico e de história social, seria difícil acrescentar algo de novo depois dos conhecidos trabalhos de Freyre. Êsses mesmos estudos tornariam supérflua uma palavra sobre as qualidades dos colonizadores anglo-saxões, vitoriosas nas terras de condições e recursos naturais presididos por climas mesotérmicos e sobre sua inadequação aos ambientes de baixas latitudes. Do mesmo modo e em contraposição quanto às qualidades dos colonizadores ibéricos, especialmente os portugueses, para a tarefa de, sob os trópicos, fundarem novas sociedades e construir novas civilizações.

### 5. *Considerações finais*

Tudo o que dissemos representa indicações para a compreensão dos condicionamentos exercidos pelos meios naturais tropicais sobre a atuação humana nêles desenvolvida, bem como para o entendimento das influências dessa atuação nos quadros geográficos dos trópicos. Aos caracteres que diferenciam um mundo tropical pelas suas feições fisiográficas e pelas suas paisagens naturais, juntam-se, com elas se entrelaçando em jôgo de influências, os caracteres definidores de tipos de sociedades e de paisagens humanizadas, a formarem, no grande todo, um espaço geográfico à parte, o espaço geográfico tropical.

Observações objetivas dêsse espaço, em suas realidades naturais e suas componentes sociais, não se harmonizando com certas linhas pessimistas de pensamento referentes ao seu conjunto de regiões, também não correspondem às idéias ufanísticas que, no Brasil, se iniciaram na carta de Pero Vaz, passaram pelo Diálogo das Grandezas e continuaram em muitos Condes de Afonso Celso, seus filhos e netos intelectuais. Mas o otimismo côr-de-rosa está cedendo lugar: não, felizmente, a um negro negativismo, mas a uma sadia preocupação pelos estudos objetivos com vistas à solução de problemas de interêsse geral. Para a parcela tropical da humanidade, não pareceria motivo de vanglória ser o que é, ou ter o que tem, habitando uma Canaã. Motivo de vanglória haverá quando, vencendo as adversidades

e limitações do meio onde habita, puder constituir nações onde, sobre as condições de estagnação e de miséria humana, possam prevalecer condições do progresso e bem-estar.

Parece ser essa inspiração a tomada geral de consciência dos povos tropicais, o que significa um dos maiores acontecimentos históricos desta segunda metade do nosso século. A reação tem de apoiar-se no desenvolvimento científico-tecnológico que oferece cada dia novas conquistas a serem utilizadas pelos processos de exploração dos recursos naturais dos trópicos. Passou a época em que se transportava e se procurava implantar, sem as necessárias adaptações, nas regiões tropicais, técnicas oriundas das áreas de clima temperados. Também passou o tempo em que as técnicas de produção, representando uma componente dos gêneros de vida, progrediam apenas ou principalmente por evolução espontânea. Hoje, o que se vê, ao contrário, é o conhecimento científico, senão quanto à pesquisa, ao menos pela divulgação, ir assumindo âmbito universal. E a tecnologia moderna, que a Ciência impulsiona, toma o lugar das técnicas empíricas dos velhos gêneros de vida. Reduzem-se, assim, ou tendem a reduzir-se, os obstáculos e limitações do meio natural dos trópicos.

Essa tendência, verdadeira em tudo aquilo que signifique exploração de recursos através das plantas cultivadas e dos animais domésticos, também existe, e com maior nitidez, no setor industrial. Menos subordinada às condições mesológicas do que as atividades rurais, a atividade industrial pode receber, nas regiões tropicais, impulsos mais imediatos, mais diretos e mais vigorosos. O outrora angustiante problema da energia em áreas não carboníferas já não tem força de elemento impeditivo. E o desencadeamento de processos da industrialização pode acarretar transformações das estruturas econômicas, de que se não excluem os setores rurais.

Existe, em suma, todo um esforço a desenvolver, exigindo mobilização, inclusive, das universidades do mundo tropical. Esfôrço visando, através de estudos e pesquisas, ao máximo de conhecimento das realidades naturais, sociais e econômicas que ofereçam meios e instrumentos capazes de habilitar a humanidade dos trópicos a viver bem em suas pátrias tropicais.